



QUESTIONAMENTOS ACERCA DOS CONCEITOS FUNDAMENTAIS DE GLOBALIZAÇÃO, IDENTIDADE E PÓS-MODERNIDADE A PARTIR DA OBRA DE STUART HALL*

Maurício Pedro da Silva**

Centro Universitário Faculdades Metropolitanas Unidas – UniFMU
Centro Universitário Nove de Julho – UNINOVE
maurisil@gmail.com

Embora se trate de um assunto quase que exaustivamente discutido pelos meios de comunicação, por especialistas acadêmicos e por administradores em geral, o tema da *globalização* não pode ainda ser considerado esgotado, em razão de seu largo alcance político e econômico nos dias atuais.

Buscando relacionar esse conceito com a questão da identidade cultural, tudo mediado pelo conceito de pós-modernidade, Stuart Hall – em seu novo livro – começa lembrando que, atualmente, a identidade é um conceito bastante discutido pelas teorias sociais, as quais procuram demonstrar, basicamente, que as velhas identidades – responsáveis pela estabilidade do mundo social – estão entrando em declínio e sendo substituídas pelas novas identidades, caracterizadas, entre outras coisas, pela fragmentação do indivíduo moderno, fato que, segundo suas palavras, tem promovido grande mudança estrutural nas sociedades.

Diante desse fato, o autor propõe três concepções de identidade: a do sujeito do Iluminismo, baseado no indivíduo totalmente centrado, unificado e dotado da razão [“O

* Resenha do livro de Stuart Hall intitulado **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade** (Rio de Janeiro: DP&A, 2003).

** Graduado em Letras (Português) pela Universidade de São Paulo (1990). Mestre em Letras (Literatura Brasileira) pela Universidade de São Paulo (1995). Doutor em Letras (Literatura Brasileira) pela Universidade de São Paulo (2001). Pós-Doutorado em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (2005). Atualmente é professor do Centro Universitário Faculdades Metropolitanas Unidas (UniFMU) e do Centro Universitário Nove de Julho (UNINOVE).

centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa”¹]; a do sujeito sociológico, refletindo a idéia de que o núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas formado na relação com outras pessoas [“A identidade, então, costura o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis”. (p. 12)]; e a do sujeito pós-moderno, resultado de mudanças estruturais e institucionais que torna o processo de identificação instável e provisório, tornando a identidade pouco fixa e permanente [“O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”. (p. 13)]

Evidentemente, esse processo estaria, segundo o autor, intimamente relacionado ao caráter da mudança na modernidade tardia, sobretudo aquela que se conhece, de modo genérico, pelo nome de *globalização*, fenômeno relacionado à própria essência da sociedade, uma vez que ela não é um todo unificado e bem delimitado, sendo constantemente descentrada ou deslocada por forças que lhe são exteriores.

Assim sendo, Stuart Hall procura apresentar as principais mudanças ocorridas no sujeito e na identidade modernos, já que, antes da Era Moderna, o indivíduo encontrava sua identidade ancorada em apoios estáveis (tradições, estruturas), o que deixa de acontecer com a modernidade, emergindo então uma concepção mais social do sujeito. Já na modernidade tardia, a concepção de identidade passa por transformações substanciais: o sujeito passa por um profundo processo de *descentramento*, que tem origem, por exemplo, nas teorias revolucionárias de Marx, Freud, Saussure, Foucault e outros. Aliás, completa o autor, não são apenas as identidades individuais que passam, na modernidade tardia, por um processo de transformação, o mesmo ocorrendo, por exemplo, com as identidades culturais/nacionais, igualmente *deslocadas* pela globalização. Antes de mais nada, argumenta, é preciso considerar que:

[...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação* [...] Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – *um sistema de representação cultural*. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da *idéia* da nação tal como representada em sua cultura nacional. (p. 49)

¹ HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 11. As citações da obra serão feitas somente com a indicação da página. (N. do E.)

Dito de outro modo, pode-se afirmar que: “as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (p. 50). Embora possam ser representadas como unificadas, as identidades nacionais são marcadas pelas diferenças, e é exatamente essa característica da identidade cultural/nacional que a contemporaneidade traz à tona: não podendo ser organizadas nem sob o conceito aparentemente homogêneo de *etnia*, nem de *raça*, conclui-se que “as nações modernas são, todas, híbridos culturais”. (p. 62)

Com o fenômeno da globalização, e suas conseqüências imediatas (compressão espacio-temporal, aceleração dos processos globais, encurtamento das distâncias etc.), as identidades culturais/nacionais sofrem um processo de deslocamento e fragmentação:

[...] quanto mais a vida se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. (p. 75)

Evidentemente, todo esse processo não surge sem que haja uma contrapartida, isto é, aquelas tendências que argumentam a favor da homogeneização cultural, portanto contrários à pretensa fragmentação global. Tais tendências afirmam, por exemplo, que existiria ainda uma preocupação com a diferença, portanto, com o local; ou que a globalização não atingiria todas as regiões da mesma maneira e na mesma proporção, sendo portanto desigual; ou que a globalização seria um fenômeno essencialmente ocidental.

De qualquer maneira, finaliza o autor, embora seu efeito geral seja contraditório, a globalização acaba tendo, sim, um efeito de contestar e deslocar as identidades centradas, fechadas numa cultura nacional, exercendo uma influência pluralizante sobre as identidades, tornando-as, portanto, mais diversas. Por isso, pode-se concluir:

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em *transição*, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados

cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado. (p. 88)

Em outros termos: “as culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia”. (p. 89)

Eis aí um conjunto de idéias capaz de levar-nos a questionamentos mais profundos acerca dos conceitos fundamentais de globalização, identidade cultural e pós-modernidade.

